

Wir Sind ein Volk -

Identidade Alemã Antes e Depois da Queda do Muro de Berlim

Wir Sind ein Volk

German Identity Before and After the Fall of the Berlin Wall

MARIANA SEMINATI PACHECO¹

DOI: <https://doi.org/10.23925/2764-8389.2022v1i1p105-125>

RESUMO: Este trabalho busca apresentar uma análise sobre a construção do Ethos identitário da Alemanha após a construção do Muro de Berlim em 1961, posteriormente à sua queda em 1989 e na atualidade através das mídias digitais, durante as comemorações do 30º aniversário da reunificação do país, a partir de fotos e cartazes nestes três momentos, identificando os signos e significados que constroem seus discursos verbais e imagéticos. Para isso, usaremos os relatos de Ignácio de Loyola Brandão (2000) sobre sua experiência local na Alemanha dividida e depois unida, e a obra de Michael Meyer (2009) para a compreensão do panorama histórico dos 28 anos em que o Muro de Berlim e a divisão do país se manteve. Quanto à compreensão da representação atual da Alemanha, as reportagens dos jornais em plataforma digitais Deutsche Welle (2019), O Estado de São Paulo (2020) e BBC (2019) apresentam a realidade do país na atualidade, o que difere do discurso imagético construído em torno do marco histórico. Após o estudo, se tentará descobrir qual a identidade da Alemanha moderna pós-unificação e se é condizente com o que foi e é divulgado no passado e presente.

PALAVRAS-CHAVE: Alemanha; Muro; Signo; Ethos; Mídia

ABSTRACT: This paper seeks to present an analysis of the construction of the identity Ethos of Germany after the construction of the Berlin Wall in 1961, after its fall in 1989 and nowadays through digital media, during the celebrations of the 30th anniversary of the country's reunification, from photos and posters in these three moments, identifying the signs and meanings that build their verbal and imagetic discourses. For this, we will use the accounts of Ignácio de Loyola Brandão (2000) about his local experience in divided and then united Germany, and the work of Michael Meyer (2009) to understand the historical panorama of the 28 years in which the Berlin Wall and the division of the country remained. As for the understanding of the current representation of Germany, the newspaper reports on the digital platform Deutsche Welle (2019), O Estado de São Paulo (2020) and BBC (2019) present the reality of the country today, which differs from the imagery discourse built around the historical landmark. After the study, an attempt will be made to discover the identity of modern post-unification Germany and whether it is consistent with what has been and is disseminated in the past and present.

KEYWORDS: Germany; Berlin Wall; Sign; Ethos; Media

SUMÁRIO: 1. Introdução; 2. Um símbolo concreto; 3. A queda não foi do dia para a noite; 4. A Alemanha deste século; 5. Imagens de um marco histórico; 6. Considerações finais

¹ Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). E-mail: marianaspacheco.mp@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9274731491997581> . ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5721-717X>. Brasil.

1. Introdução

O interesse de começar este trabalho surgiu com as comemorações de mais um aniversário da Queda do Muro de Berlim, em 2020, retomando a história deste marco e a transmissão de fotos da época pelas mídias digitais da atualidade, gerando uma possibilidade de observação a respeito de como este momento é representado: as imagens e fotos são repetidas ano após ano, e o dito que o muro foi derrubado da noite para o dia, pela força popular, também é ressaltado. Na curiosidade de compreender a construção desta identidade de união alemã reforçada, buscou-se não somente essa imagem no presente, mas como a Alemanha foi ao se tornar duas, oriental e ocidental, e após a reunificação, pensando sobre os resquícios deste passado nos dias atuais.

O embasamento metodológico parte primeiro de se buscar entender o antes e durante o período do Muro de Berlim. Os relatos de Ignácio de Loyola Brandão (2000) a respeito do período em que acompanhou o convívio berlinense com o Muro, durante sua estadia na Berlim Ocidental, e posteriormente podendo ter assistido à queda e à reunificação do país, nos permite uma percepção mais próxima dos eventos políticos envolvidos. Além disso, o livro de Michael Meyer (2009) também permite a visão mais histórica e sociológica em torno da construção e divisão de uma sociedade por conta das ideologias da Guerra Fria.

Posteriormente à apresentação e compreensão dos fatores do passado e durante a noite de 9 de novembro e 1989, se voltará para as notícias e disseminações midiáticas do acontecimento nos dias atuais, como por exemplo na reportagem da revista Aventuras na História, de Alexandre Carvalho (2022), e através do *doodle* montado pelo Google, o maior buscador do mundo, para o aniversário de 25 anos da queda do Muro de Berlim, e sua mensagem não apenas de união da Alemanha, mas sua lição ao mundo, na tentativa de dizer que existem mais barreiras a serem quebradas, que são menos palpáveis que um muro de concreto, mas tão existentes em ideologia quanto.

Aliás, as reportagens de Christoph Hasselbach, do Deutsche Welle (2019), bem como de Norberto Paredes da BBC (2019), mostram que ainda hoje uma barreira existe entre os alemães,

entre aqueles do ocidente e oriente, em costumes e preconceitos resistentes do passado. Os dados que o jornal O Estado de São Paulo traz no período de comemorações da data histórica visibiliza esta diferença ainda social presente, mesmo após 25 anos da inexistência do Muro de Berlim.

Com este panorama, que nos permite questionamentos identitários, nos aprofundaremos nas comunicações imagéticas do ocidente e oriente alemães, indo de fotos a cartazes do passado, para então tentar compreender como duas identidades foram construídas em Ethos comunista e capitalista de cada lado de Berlim, e como então a queda também foi representada, bem como a queda do governo comunista em 1990, para, então, se entender como a identidade da Alemanha se sustenta após se reunificar. Utilizar-se-á as obras de Roland Barthes (1990), Ruth Amossy (2018), Dominique Maingueneau (2013) e Zygmunt Bauman (2017) para este processo. Ao final da análise, poderá se concluir a transformação dessa identidade com o passar dos anos durante o período do muro e a influência deste momento histórico para o país na atualidade, e pensar se se o Muro foi superado na memória dos alemães.

2. Um símbolo concreto

A Alemanha foi dividida entre os países vencedores da Segunda Guerra Mundial após a aprovação da Lei Fundamental em 1948, já pensada no acordo de Potsdam, em 1945 que “para garantir que essas diretrizes virassem a realidade de uma nova nação pacífica, ficou estabelecido também que a Alemanha seria ocupada pelos vencedores do conflito” (CARVALHO, 2020). O país derrotado ficou aos cuidados dos governos da Inglaterra, França e Estados Unidos no Ocidente, e pela União Soviética no Oriente. Inicialmente, tal atitude era apenas uma garantia que a Alemanha não se reerguesse e se tornasse uma ameaça novamente, causando uma nova guerra.

Em 1948, os três aliados fizeram uma reforma monetária em seus territórios, visando incluir a Alemanha no sistema econômico ocidental. Era a separação. A reação soviética não se fez esperar. Retiraram-se do comando aliado de Berlim e bloquearam na cidade por terra, além de cortarem todo o suprimento de eletricidade. Única ligação possível: via aérea. (BRANDÃO, 2000, p. 57)

A vida dos alemães, e em especial dos berlinenses não se alterou bruscamente de imediato. Era possível ter uma vida dupla, onde se morava do lado Oriental, e se trabalhava e comprava do lado Ocidental. Entretanto, com a Guerra Fria ressaltando as diferenças ideológicas, políticas e econômicas entre os Estados Unidos e União Soviética, assim como para os países parceiros destes, a perda de mão-de-obra especializada e dinheiro para o lado inimigo, o governo socialista não pôde sustentar a ideia que os alemães orientais continuassem a atravessar a fronteira, nem a população que recebia regalias governamentais para aproveitá-las do lado capitalista.

A divisão entre Oriente e Ocidente alemães adquiriu a função de garantir que a população do lado soviético não desertasse para o lado capitalista, e seguisse sob controle econômico. A divisa, antes impalpável, ganhou forma e consistência em uma noite, em 13 de agosto de 1961. Primeiro como arames farpados monitorados em postos estratégicos por guardas e cães, então ergueram-se dois muros de 3,6 metros de altura, com torres de controle e um campo minado entre eles. Mais do que uma construção:

Jamais alguma coisa foi tão carregada de simbolismo, ideologia e história. O Muro era a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, a Cortina de Ferro, o ponto mais alto do totalitarismo e da ditadura comunista, a fronteira da democracia. (MEYER, 2009, p. 27)

Ainda assim, os berlinenses, já acostumados com uma divisa anteriormente imposta, se acostuariam com o Muro inserido em sua rotina, “(...) simplesmente conviviam com ele, por mais sinistro e incongruente que fosse. Ao conviver com algo, ignoramos sua presença.” (MEYER, 2009, p.29).

Não foi apenas o Muro a mudança brusca, mas a burocracia imposta para a travessia ao lado Ocidental. Os moradores da República Democrática Alemã (*Deutsche Demokratische Republik*) – o lado oriental – não possuíam passaportes, e a necessidade de visita ao lado capitalista deveria ser justificado, como em caso de trabalho e familiares. Uma inspeção sempre era feita aos que saíam nos pontos de controle, e mitos são contados entre os alemães, que reforçam a rigidez do regime ditatorial imposto no lado soviético, como conta Ignácio de Loyola Brandão (2009) em seu livro, como equipamentos que contavam quantas pessoas estavam dentro de um veículo pelos batimentos cardíacos, ou revistas que desmontavam os

carros caso qualquer suspeita surgisse. Era o que se dizia do que pouco se sabia no lado Ocidental. A ação de atravessá-lo foi representado aos países capitalistas pela foto do soldado Conrad Schumann, com as legendas “Escolheu a Liberdade” e “Salto para a Liberdade”, logo em seu começo, e seria uma atitude que se repetiria mais vezes.

A Alemanha viveu como duas com a divisão do Muro de Berlim por 28 anos. Os alemães, em especial os berlinenses, não acreditavam na reunificação, “somente os alemães ocidentais mais românticos sonhavam com o dia que o Muro cairia.” (MEYER, 2009, p.35).

3. A queda não foi do dia para a noite

Muito se fala que o Muro de Berlim caiu de forma súbita, da mesma forma como foi construído. Porém, o Leste Europeu efervescia em revoltas contra seus governos obedientes ao regime soviético de Moscou no final dos anos 1980. Tais movimentos impulsionaram até alcançarem Berlim Oriental, que já possuía um histórico de fugitivos que cruzaram a fronteira para o mundo Ocidental. Ou seja, a ideia de revoltas tinha terreno fértil para ser implantada na República Democrática Alemã, e logo começaram a ser colocadas em prática, causando ainda mais problemas ao governo em Moscou.

A União Soviética enfrentava “a Guerra Fria (...) um conflito singularmente total, não em movimento de exércitos, mas em efeitos sociais e econômicos.” (MEYER, 2009, p.33). A Europa Ocidental adquiria o dinamismo capitalista, assim como os Estados Unidos pregava os benefícios desse estilo de vida. O Leste Europeu se tornava recluso, entrando em colapso econômico, e os embargos de Washington pioravam as crises e a vida das populações abaixo do regime soviético, que geraram mudanças negativas:

O congelamento dos salários e aumentos dos preços geridos pelo governo haviam provocado as últimas manifestações, mas ele sabia que elas refletiam uma ira mais profunda e generalizada produzida pelo desespero econômico. (MEYER, 2009, p.56)

O país que impulsionou as revoltas foi a Hungria, no inverno de 1988, seguida da Tchecoslováquia e Polônia, que reivindicaram conversações segundo o modelo polonês. “Mas somente na Polônia elas foram realmente decisivas. (...)” (MEYER, 2009, p.60). Somado a isso, Moscou era liderada por Mikhail Gorbachov, um líder que via naquelas movimentações a

quebra da União Soviética, e a possibilidade de abertura das fronteiras. Reagan, quando candidato ao cargo de presidência dos Estados Unidos, pediu ao homem certo a abertura do muro:

Gorbatchov atingiu a paisagem soviética como se fosse um gigantesco meteoro vindo do espaço sideral, transformando tudo com seu impacto. Ele era aquele tipo de força histórica mais rara e mais potente: a singularidade, o coringa, o que os cientistas chamam de ‘variável exógena’, o elemento sem precedentes que muda todas as teorias e descarta todos os cálculos e, com eles, transforma o mundo tal como é conhecido. (MEYER, 2009, p.23)

Perestroika e Glasnost. Duas palavras para denominar duas medidas políticas que mudariam a situação dos países comunistas: Glasnost garantia maior liberdade de expressão da população, reduzindo a supressão do governo; já a Perestroika seria o movimento de reabertura econômica e também a liberação de passaportes para os cidadãos viajarem ao exterior sem mais burocracias extremas.

Se Gorbatchov pensava em abrir as fronteiras, o presidente da Alemanha Oriental Erich Honecker queria o contrário: manter o povo atrás do muro, como deveria ser. Tentou manter a boa relação com o aberto líder soviético como o fez com seu antecessor, Leonid Brejnev (1964-1982), e ambos trocaram o cumprimento fraterno soviético em 1986: três beijos alternados e um abraço. Não demonstrou o extremo de união, pois com Brejnev, foi um beijo nos lábios. Era uma evidência que a parceria entre Honecker e Gorbatchov não duraria. Logo a insistência do presidente alemão terminou com sua substituição por Egon Krenz, que faria a abertura do Muro, não como planejava, de forma controlada e gradativa, e sim pelas falhas de comunicação.

Krenz daria aos alemães orientais o presente de Natal: viajar para o Ocidente, *Ab sofort* (de hoje em diante em alemão) 10 de novembro. Porém, esqueceu de notificar a data da abertura das fronteiras para seu porta-voz, Günter Schbowski, que passou a informação para a população no dia 9 de novembro. Com o uso da expressão, a imprensa transmitiu a mensagem que as fronteiras foram imediatamente abertas. Resultado: Duas multidões, do lado Oriental e Ocidental, foram conferir a veracidade da informação na mesma noite.

Os guardas, principalmente da torre de Controle Charlie, que não receberam informações de abertura, estavam perdidos. Se atirassem, que era a ordem que possuíam para qualquer um

que tentasse cruzar o Muro, seria uma chacina. Então com o comando “*Alles auf!*” (Expressão, em alemão, para seguir em frente), a passagem foi liberada:

Com aquilo, o Muro de Berlim não existia mais. ‘*Die Mauer ist weck*’, gritavam as pessoas de punhos fechados no ar e dançando no alto do Muro diante das câmeras, no Portão de Brandenburgo, numa cena transmitida ininterruptamente em todo o mundo. (MEYER, 2009, 173)

O presente de Natal foi a Queda do Muro de Berlim em 9 de novembro de 1989, porém, a reunificação oficial aconteceu em outubro de 1990. Podemos ver na imagem que o discurso presente, agora na população alemã, sem mais oriental ou ocidental, é que não apenas um povo (*das Volk*, em alemão), mas um único povo (*ein Volk*). Ele carrega o significado da reunificação e reconstrói o Ethos identitário da Alemanha unificada, como nação.

4. A Alemanha deste século

O que não dizem sobre a Alemanha que entrou em um novo século unificada: Os alemães do Oriente e Ocidente, com o passar da rotina e da burocracia, não se igualaram até os dias atuais, afinal “após a queda do muro, os problemas se tornaram tão grandes que os antigos problemas se minimizaram. De repente, não existia mais o socialismo, mas também não existia a crença na social-democracia e não se acreditava nos conservadores. Ficou o vazio.” (BRANDÃO, 2000, p. 360). Um dos primeiros problemas enfrentados pela Alemanha Ocidental pós-reunificação foi a imigração em massa.

na era moderna, a imigração em massa não é uma novidade; tampouco se trata de um acontecimento esporádico, desencadeado por um por uma única concatenação de circunstâncias. Trata-se na realidade, de um efeito constante e regular do modo de vida moderno, com sua preocupação perpetua com a construção da ordem e o crescimento econômico (...) (BAUMAN, 2017, p.76)

Receber os alemães orientais significou para o novo governo unificado arcar com contas de solidariedade: acolhe-los, lhes oferecer moradia e ajudar para trabalhar e se reestabelecer. Ignácio de Loyola Brandão (2000) nos conta que foram 171 bilhões de dólares investidos para reerguer Berlim. Porém, o dinheiro deste investimento veio dos alemães ocidentais. Tais medidas geraram inflação e aumento das taxas de juros, e a ameaça de desemprego. Insatisfação

e ressentimento começaram a pesar sobre os chamados pejorativamente “*ossies*”, apelido para os alemães vindos do outro lado.

Ainda hoje “(...) alemães do Leste se veem como cidadãos de segunda classe, e pouco menos da metade afirmou estar insatisfeito com o funcionamento da democracia.” (HASSELBACH, 2020). A reportagem feita pelo Deutsche Welle (2019) sobre este Muro, agora impalpável, revela que a diferença entre Oriente e Ocidente ainda existe. Os alemães orientais se veem como inferiores, e sentem saudosismo do populismo socialista, sendo críticos ao capitalismo. O desenvolvimento econômico também é um problema. A taxa de industrialização é bem maior no Oeste alemão. E os estereótipos entre alemães orientais e ocidentais coloca barreiras para desenvolvimento de carreiras, como nos é apresentado nas reportagens da BBC (2019) e do Estado de São Paulo (2020). A previsão de uma Alemanha verdadeiramente reunificada socialmente, economicamente e culturalmente é para daqui cinquenta anos, com uma nova geração.

Imagem 1 – Gráfico comparativo da evolução do ocidente e oriente da Alemanha pós-unificação.



Fonte: O Estado de São Paulo, 2019.

Imagem 2 – Gráfico sobre a população originária do oriente da Alemanha, pós-unificação.

Um muro invisível

Oeste da Alemanha

Leste da Alemanha



	Oeste	Leste
População	68,3 milhões	13,6 milhões
Taxa de desemprego	4,7%	6,6%
Renda média mensal	3.330 euros	2.690 euros
Porcentagem da população de origem estrangeira	26,5%	6,8%* *Não inclui Berlim

Fonte: Instituto de Pesquisas Econômicas de Munique (IPE), Agência Federal de Emprego, Bundestag.de

BBC

Fonte: BBC, 2019.

Porém, o que ainda é repassado pela mídia na atualidade é apenas um dia, 9 de novembro de 1989, pois “o poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com (...) valores socialmente especificados.” (MAINGUENEAU, 2013, p.109), isso é, o discurso de vitória sobre um “inimigo” em comum, e a união de um povo causando mudanças. Esses são os valores sustentados na narrativa repetida a cada aniversário da reunificação. Ou ainda mais:

(...) as mídias eletrônicas são neutras quanto ao modo como a lógica da racionalidade instrumental necessita ser, pode ser ou será desdobrada por seu uso. As novas mídias facilitam (e pela mesma razão favorecem) a escolha da onivoridade cultural, e ao mesmo tempo produzem uma seletividade rigorosa e extravagante na coleta de informação, na construção de redes e na comunicação – as três constituindo os usos/funções mais comuns dessas mídias. (BAUMAN, 2017, p.83).

As mídias virtuais de hoje são seletivas quanto aos signos e significados que devem construir o Ethos da identidade de uma nação. O marco histórico e sua construção imagética se sobrepõe à realidade das informações sobre a Alemanha deste século, para manter o peso que o discurso construído pela Alemanha Unificada ao interlocutor, que será seletivo, sem perceber o Muro invisível que ainda divide a população economicamente, culturalmente e socialmente.

5. Imagens de um marco histórico

Começamos com uma foto interessante, logo em que a ideia do Muro de Berlim surge, ainda com arames farpados para impedir os cidadãos de cruzarem do oriente ao ocidente de Berlim. Vemos o soldado Hans Conrad Schumann saltando sobre esta divisória ainda improvisada, pois sua família estava do lado ocidental.

Foto 3 – foto de Conrad Schumann saltando a divisa de arame farpado, tirada em 15 de agosto de 1961²

² Imagem utilizada do banco de imagens Iconic Historical Photos. Disponível em: <<https://www.iconichistoricalphotos.com/jumping-berlin-wall/>>. Acesso em 02 dezembro 2020.



Logo neste primórdio da história do Muro de Berlim, percebemos que se pode identificar a construção de signos e discursos da Alemanha Oriental pela Alemanha Ocidental, pois:

(...) na imagem propriamente dita, a distinção entre a mensagem literal e a mensagem simbólica era operatória; nunca se encontra uma imagem literal em estado puro; mesmo que conseguíssemos elaborar uma imagem inteiramente “ingênua”, a ela se incorporaria, imediatamente, o signo da ingenuidade e a ela acrescentaria uma terceira mensagem, simbólica. (BARTHES, 1994, p.34)

O ocidente, pertencente aos Aliados, e em especial aos Estados Unidos, com esta foto divulgada, transmite de forma imagética e simbólica que o lado oriental comunista da Alemanha é digno de fuga de seus cidadãos, em busca de uma vida melhor do lado capitalista. O registro histórico, então, de uma fotografia tirada ‘despretensiosamente’, foi usado de acordo com os interesses políticos da Guerra Fria, que atritava a política e a economia alemã.

Já no campo comunicacional, durante o período de divisão do Muro de Berlim, podemos analisar a diferença entre as mensagens transmitidas por ambos os lados, de forma mais notável em seus discursos.

Imagem 3 – Cartaz da Alemanha Ocidental produzido em 1961



Tradução: Nós permanecemos juntos (acima) / Alemanha indivisível (abaixo)³

O cartaz acima, divulgado logo após a construção do Muro, consegue carregar o sentido afetivo da divisão do país para os alemães, do ponto de vista daqueles que residiam no lado Ocidental. Na fala de Maingueneau, “toda enunciação implica sua pertinência, o que leva o destinatário a procurar confirmar essa pertinência.” (MAINGUENEAU, 2013, p.38), isso é, ter interesse aos destinatários e fornecer informações que modifiquem a situação. No caso deste cartaz, o desejo de uma reunificação do lado ocidental era enfatizado, demonstrando que não foram eles que desejaram dividir o país.

Além disso, nota-se que na década de 1960, logo após a construção do Muro de Berlim, ainda não se compreendia sua durabilidade e o impacto da divisão na vida das pessoas, que consideravam aquele símbolo precívél, e a situação reversível. Isso pode ser entendido pelos signos imagéticos do próprio Muro e os arames farpados, porém a presença da vela acesa, e a menina cruzando a mão para o outro lado, alteram o significado de submissão a indestrutível divisa de cimento. Sendo assim um discurso é construído pelo verbal – a legenda de que o permanece junto – e o imagético, não apenas sobre o contexto, mas sobre sua modificação.

³ Imagem utilizada do banco de imagens do Lebendiges Museum Online. Disponível em:< <https://www.hdg.de/lemo/bestand/objekt/plakat-geteiltes-deutschland.html>>. Acesso em 02 dezembro 2020. Tradução livre de Mariana Seminati Pacheco.

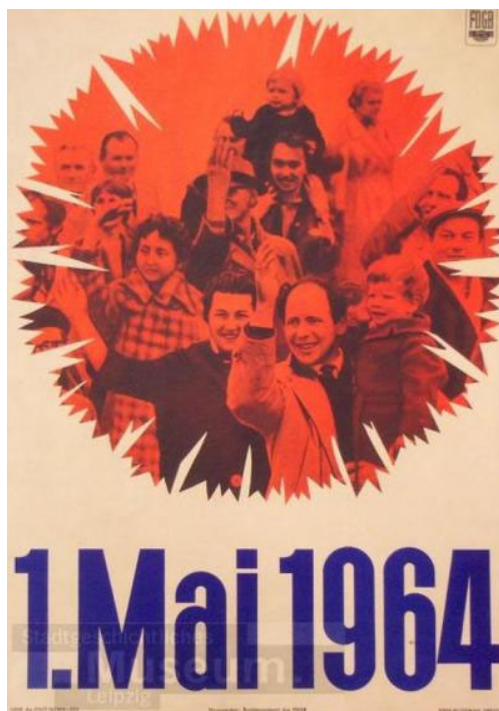
O signo da vela acesa pode trazer diferentes significados, mas combinado à menina, como uma próxima geração que poderá ver a Alemanha se reunificar novamente, trabalha a esperança. Quanto ao discurso verbal, sustenta o nacionalismo e a união alemães. São apenas duas frases, uma acima em mais destaque, e uma abaixo mais discretamente, mas se complementam na construção do significado junto da imagem: a esperança e a certeza de uma Alemanha. Tal discurso será usado novamente quando o contexto for alterado em 1989.

O Ethos notado também não condiz com o esperado da ideologia política dos vencedores da Segunda Guerra. Se antes esperavam uma Alemanha derrotada, dividida, o cartaz ressalta que o Ethos de uma nação unida que prevalece, acima do muro, pois “a questão do Ethos está, então, associada à questão da construção de uma identidade que permite, ao mesmo tempo, criar uma relação nova para si e para o outro.” (AMOSSY, 2018, p.104).

Mas o mesmo não se pode notar em um cartaz do lado oriental da Alemanha, onde a mensagem se torna de união, mas em oposição ao sentido de seu outro lado, com a construção ideológica do lado Oriental da Alemanha, empregada pelo regime soviético, divulgada do dia 1º de Maio de 1964, o Dia do Trabalho, uma data especialmente comemorada pelos países da União Soviética e que seguem a ideologia comunista.

Imagem 4 – Cartaz da Oriental produzido em 1964 para o Dia do Trabalho⁴

⁴Imagem utilizada do banco de imagens OMNIA, com um acervo digital vasto midiático da Europa e das Américas. Disponível em: <
https://www.omnia.ie/index.php?navigation_function=2&navigation_item=%2F08547%2Fsgml_eu_php_obj_z0002183&repid=1>. Acesso em 02 dezembro 2020.



Apesar da foto de pessoas reunidas, de idades diferentes, com adultos, crianças, homens e mulheres, também trazer o signo de união, não é evidenciado nem especificado pelo discurso imagético e muito menos o verbal, a intenção de reunificação. Aliás, a cor vermelha como um signo plástico, traz o significado já construído pelo interlocutor de relação com o partido comunista e a União Soviética, o que pode trazer enfim o discurso de que a divisão permanecerá, mas que não afetará a vida dos alemães e berlinenses. A situação da Guerra Fria e os interesses políticos manteriam o muro erguido. E o povo não se contrariaria.

O Ethos presente aqui é de União, como no anterior da Alemanha Ocidental, mas no sentido da União ideológica, a União da Alemanha Oriental consigo mesmo e a União Soviética.

Com esta primeira análise dos cartazes, deduzimos a construção de um mesmo signo de união, ressaltado pelo uso de fotografias reais de pessoas, como também para evidenciar a realidade da população de cada lado, porém com discursos e significados diferentes para os Ethos da Alemanha Oriental e Ocidental. Se ambas transmitiam a relevância da União, se diferenciavam por aquela gerida pelos Aliados (França, Inglaterra e Estados Unidos) pensar

ainda em uma única Alemanha, e a outra sob regime soviético dever se manter partidária às ideologia e economia comunistas.

O uso de fotografias como mensagens de um marco histórico e construção de discursos é uma técnica bem difundida da comunicação. E a Queda do Muro de Berlim, em 1989, é um bom exemplo de como as muitas imagens disseminadas naquela época, em jornais e noticiários televisivos, se tornaram icônicas, sendo principalmente aquelas com as marretas e picaretas nas mãos dos cidadãos alemães quebrando as paredes do muro, mais lembradas para ressaltar o impacto do acontecimento como um movimento popular de insatisfação política e reunificação.

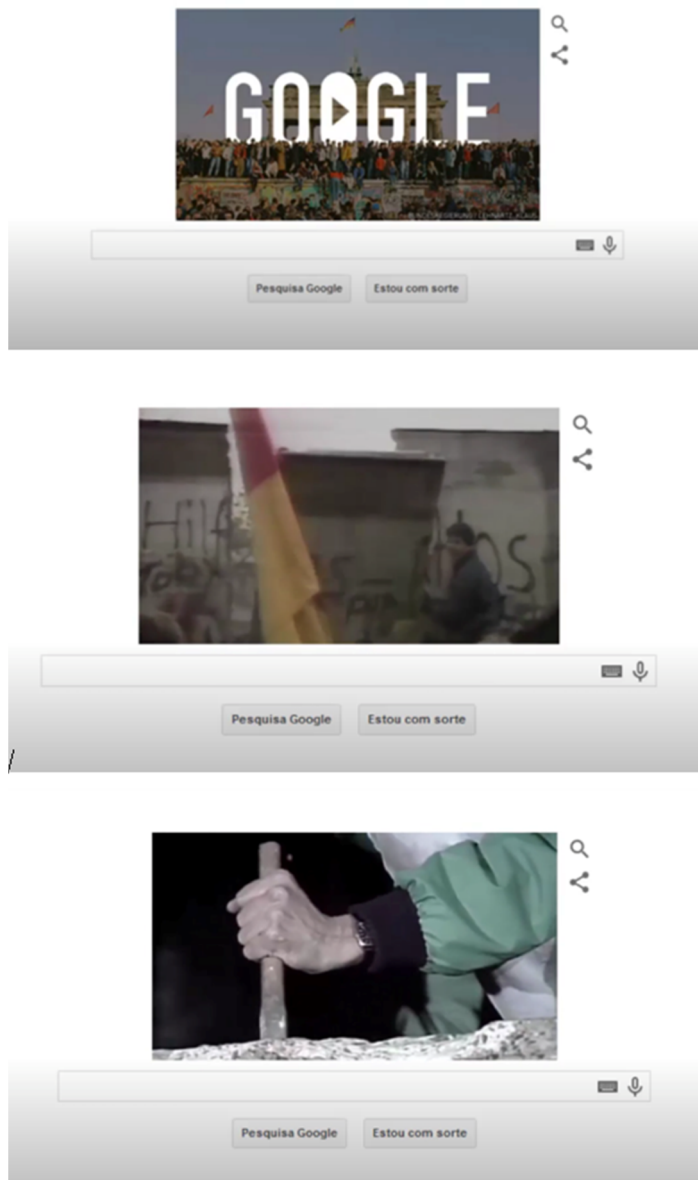
Imagem 5 –A destruição do Muro de Berlim pela população.⁵



Estas mesmas imagens continuam circulando nos dias de hoje em comemoração ao 30º aniversário da Queda do Muro de Berlim. O *doodle* criado pelo buscador Google resalta justamente estes registros fotográficos.

⁵ Imagem utilizada do acervo do O Globo. Disponível em:< <https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/cai-muro-de-berlim-9248201> >. Acesso em 03 dezembro 2020.

Imagem 6 – Trechos do vídeo comemorativo do Google aos 25 anos da reunificação da Alemanha em 2014, da minutagem 00:01 a 00:13.⁶



O significado deste tipo de imagem é o que o torna tão relevante, não apenas historicamente, mas ideologicamente, pois “ (...) a imagem como um centro de resistência ao

⁶ Trecho de abertura do vídeo, disponibilizado no Youtube, do *doodle* do Google feito no aniversário da Queda d Muro de Berlim em 2014. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=R2f89bnYpzo>>. Acesso em 3 dezembro 2020.

sentido, em nome de uma certa ideia mítica da Vida: a imagem é representação (...)", isso é, neste caso, o que representa são os signos da Liberdade, da União, agora com o significado de Reunificação, mas além disso de Fim (pela divisa entre duas Alemanhas e a União Soviética), e começo (pela única Alemanha), e do discurso de ser um único povo novamente. E a repetição das cenas de um único dia histórico se torna mais evidente através da globalização virtual, graças à internet.

Também em uma emblemática demonstração popular imagética, o grafite feito em 1990 por Dmitri Vrubel, posteriormente à Queda do Muro de Berlim e a reunificação, do lado Leste da cidade, relembramos o beijo fraterno de 1979 entre Leonid Brejnev e Honecker, a parceria soviética que manteve a repressão na Alemanha Oriental antes da ascensão de Gorbatchov, que representava o oposto para o Leste alemão. Lemos a legenda abaixo da representação da foto daquele momento "Meu Deus. Ajuda-me a sobreviver a este amor mortal", o que afirma o discurso das consequências que a união da Alemanha Oriental, pela figura de Honecker, e da União Soviética, por Brejnev, trouxe para a Alemanha, e como não desejavam mais essa combinação. Também traz o significado da derrota do Comunismo, que caía com a União Soviética naquele mesmo ano, vista como um Mal para Europa ocidental e capitalista.

Imagem 7 – Representação do beijo fraterno de Gorbatchov e Honecker em um grafite feito em 1990 na Mühlenstraße 76, 10243 Berlim, antigo Leste berlinense. Tradução: Meu Deus. Ajuda-me a sobreviver a este amor mortal (abaixo).⁷

⁷ Imagem utilizada do portal de East Side Gallery. Disponível em: < <https://travel.sygic.com/pt/poi/east-side-gallery-poi:913>>. Acesso em 3 dezembro 2020. Tradução livre de Mariana Seminati Pacheco.



E ainda no cenário político, o discurso radical de ideologia conservadora retorna nas manifestações populares, com o slogan “somos um único povo” – *Wir Sind Ein Volk* –, presente em placas de civis, que desejavam legitimar o desejo de uma única Alemanha, e também na propaganda política do partido da União Democrata-Cristã da Alemanha (CDU – *Christlich-Demokratische Union Deutschland*), com a intenção de prometer um futuro econômico alinhado com uma nova Alemanha reunificada. Temos o mapa da Alemanha em uma placa popular, com as cidades de ambos os lados marcadas por pontos e letras (como D para Dresden e L para Leipzig, do lado Oriental), e Berlim, em destaque. Há uma pequena linha pontilhada em branco, onde antes havia a divisa, mas desta vez, o discurso verbal é sobreposto ao imagético. Este discurso antes empregado pelo povo é usado para fins políticos.

Imagem 8 (à esquerda) – Placa em manifestação popular de 1990.⁸

Imagem 9 (à direita) – Cartaz do CDU de 1990 como o slogan “Nós somos um povo (abaixo).⁹

⁸Imagem utilizada do banco de imagens do Lebendiges Museum Online. Disponível em:< <https://www.hdg.de/lemo/bestand/objekt/alltagskultur-transparent-wir-sind-ein-volk.html>>. Acesso em 03 dezembro 2020.

⁹Imagem utilizada do banco de imagens Europeana. Disponível em:< https://www.europeana.eu/en/item/08547/sgml_eu_php_obj_p0020650>. Acesso em 03 dezembro 2020.



Então, posteriormente às análises feitas, notamos que o registro histórico do Muro de Berlim, de sua construção a sua queda, tentava afirmar politicamente a identidade social dos alemães, em uma união não consigo mesmos, ou com ao Ethos de nação, mas sim com a ideologia política comunista e capitalista no oriente e ocidente da Alemanha, demonstrando que até mesmo o uso dos registros imagéticos do momento da quebra do muro em 1989 para o sustento dos discursos políticos sobre a reunificação de uma nação eram e ainda são toleráveis e aceitáveis. A união se torna apenas uma desculpa na construção identitária nacional.

6. Considerações finais

Nem antes nem depois, a nova identidade alemã se baseou apenas no dia 9 de novembro de 1989, com a queda do Muro de Berlim, e a repercussão de um mundo moderno que abria suas fronteiras para o século XXI, onde a globalização propagaria a informação desejada desta nação que se reergueria mais uma vez, porém, atendendo as expectativas do “lado vencedor” da Guerra Fria.

Hoje, vista como um dos principais países de poder econômico e influente no bloco europeu, suas dificuldades são costumeiramente ocultadas pelas mídias, especialmente aquelas

que dizem a respeito das cicatrizes que carregam dessa união recente. Nenhuma nação deseja se mostrar desarmoniosa para o mundo, ainda mais com o histórico que a Alemanha carrega. A queda do muro significa sua única vitória no século passado, e que podem se orgulhar. O Ethos identitário da Alemanha é carregado deste simbolismo de Força e União, e o Nacionalismo ainda vivente para os alemães, mesmo com suas diferenças pós-reunificação. Entretanto, como vimos, mesmo reforçando nas mídias digitais em seu aniversário de 30 anos de reunificação, a Alemanha continua dividida internamente, com desigualdades sociais entre a geração que conviveu com a divisa de concreto.

Podemos então afirmar que uma nação pode construir Ethés e significados sobre si, em pró de uma identidade renovada e diferente de um passado amargo, de acordo com interesses sociais e ideológicos, e até mesmo sustentar um discurso sobre um fator histórico para manter a imagem positiva diante do restante do mundo, ainda que sua realidade se mantenha oposta. Além disso, as redes sociais dão o suporte para esta propagação em uma velocidade ainda maior e eficiente que os antigos cartazes e a imprensa televisiva que noticiou o marco histórico em 1989.

O símbolo do Muro de Berlim carrega muitas reinterpretações de signos e significados sobre a identidade alemã, como o *doodle* do Google demonstra ao apresentar também as partes sobreviventes do muro espalhadas em outras partes do mundo, reforçando a importância histórica e o simbolismo na memória coletiva, permitindo explorar mais de perto e interpessoal como ele se alterou nos dias de hoje além da queda. Também nos faz refletir sobre outras nações que ainda vivem sobre muros intransponíveis, fisicamente e ideologicamente, e se, em caso de uma reunificação, conseguiriam de fato conviver como um único povo, ou por quanto tempo suas diferenças seriam gritantes ao ponto de superarem uma imagem construída de união disseminada pelas mídias.

7. Referências Bibliográficas

AMOSSY, Ruth. **A Argumentação no discurso**. 1 ed. São Paulo: Contexto editorial, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso: ensaios críticos III**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERALDO, Paulo. **30 anos depois, marcas da reunificação ainda dividem a Alemanha**. O Estado de São Paulo, 2020. Disponível em:<<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,30-anos-depois-marcas-da-reunificacao-ainda-dividem-alemanha,70003489166>>. Acesso em 3 dezembro 2020.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O Verde Violentou o Muro – Vida em Berlim Antes e Agora**. 13 ed: São Paulo, Global, 2000.

CARVALHO, Alexandre. **A Noite Histórica que Derrubou o Muro de Berlim**. Aventuras na História, 2022. Disponível em:<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/ha-30-anos-uma-noite-historica-derrubava-o-muro-de-berlim.phtml>>. Acesso em 3 maio 2022.

HASSELBACH, Christoph. **O muro que ainda divide a Alemanha**. Deutsche Welle, 2019. Disponível em :<<https://www.dw.com/pt-br/o-muro-que-ainda-divide-a-alemanha/a-51120778>>. Acesso em 3 dezembro 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de Comunicação**. 6 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

MEYER, Michael. **1989: O ano que mudou o mundo: A verdadeira história da queda do Muro de Berlim**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PAREDES, Norberto. **30 anos após a queda do Muro de Berlim, ‘barreira invisível’ ainda divide a Alemanha em duas**. BBC, 2019. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50344929>>. Acesso em 3 dezembro 2020.

DATA DE SUBMISSÃO: 2021-11-02

DATA DE APROVAÇÃO: 2022-07-28



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).